

XII

Encontro Internacional

A Imagem Medieval:

História e Teoria

As Imagens nos
Manuscritos Medievais

Caderno de Resumos



Maria Cristina Pereira
André Pelegrinelli
Maria Izabel E. D. de Souza
Pamela Wanessa Godoi
(Organizadores)

lathim

Maria Cristina Pereira
André Pelegrinelli
Maria Izabel E. D. de Souza
Pamela Wanessa Godoi
(Organizadores)

Caderno de Resumos

XII Encontro Internacional

A IMAGEM MEDIEVAL: HISTÓRIA E TEORIA

As Imagens nos Manuscritos Medievais



São Paulo, 2022.



Universidade de São Paulo

Reitor

Carlos Gilberto Carlotti Junior

Vice-Reitora

Maria Arminda do Nascimento Arruda



Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Diretor

Paulo Martins

Vice-Diretora

Ana Paula Torres Megiani

Imagem de capa: Historiated Initial A, Hamburg Bible. Copenhagen, Kongelige Bibliotek, GKS 4 2°, vol. III, fol. 208r.

Identidade Visual: Beatriz Cristine Honrado

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo
Maria Imaculada da Conceição – CRB-8/6409

-
- E56 Encontro Internacional A Imagem Medieval (12.º, 2022 : São Paulo, SP).
A imagem medieval [recurso eletrônico] : história e teoria, caderno de resumos [do] XII Encontro Internacional A Imagem Medieval, 6 a 8 de dezembro de 2022 / Organizadores: Maria Cristina Correia Leandro Pereira ... [et al.]. -- São Paulo : FFLCH/USP, 2022.
1.539 Kb ; PDF.

ISBN 978-85-7506-441-2

1. História da arte medieval (Congressos). 2. História das imagens. I. Título: A imagem medieval: história e teoria. II. Título: As imagens nos manuscritos medievais. III. Pereira, Maria Cristina Correia Leandro. IV. Pelegrinelli, André Luiz Marcondes. V. Souza, Maria Izabel Escano Duarte de. VI. Godoi, Pamela Wanessa. VII. Laboratório de Teoria e História das Mídias Medievais (LATHIMM).

CDD 709.02

É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria, proibindo qualquer uso para fins comerciais. Os conteúdos dos resumos são de inteira responsabilidade do(s) autor(es).



XII Encontro Internacional
A IMAGEM MEDIEVAL: HISTÓRIA E
TEORIA
As Imagens nos Manuscritos Medievais

Coordenação:

Prof. Dr. Eduardo Henrik Aubert (USP)

Prof. Dr. Gabriel Castanho (UFRJ)

Prof.^a Dr.^a Maria Cristina C. L. Pereira (USP)

Prof.^a Dr.^a Wanessa Asfora Nadler (U. de Coimbra)



lathimm.fflch.usp.br



[/lathimm](https://www.facebook.com/lathimm)



[@lathimm.usp.ufrj](https://www.instagram.com/lathimm.usp.ufrj)



[@lathimm.usp](https://www.youtube.com/lathimm.usp)

APRESENTAÇÃO

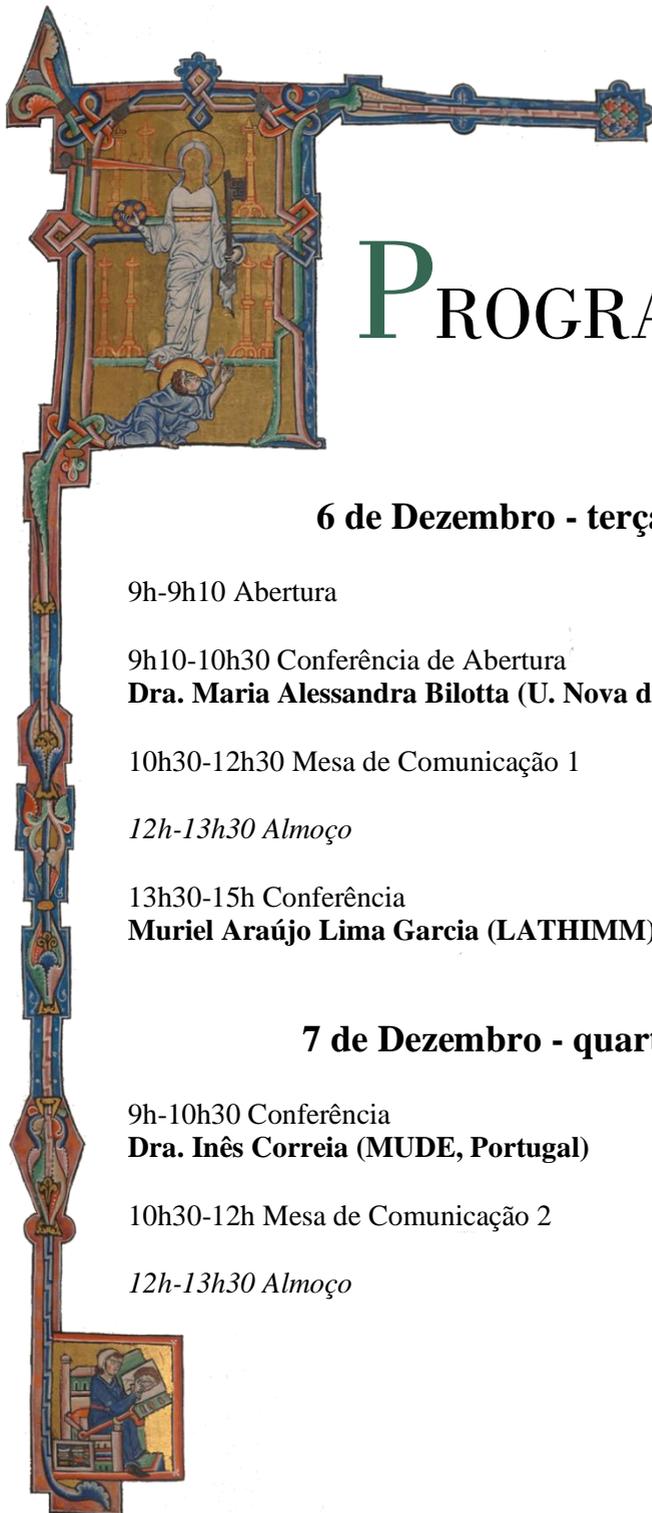
O Laboratório de Teoria e História das Mídias Medievais (LATHIMM) foi fundado em 2010 e hoje conta com quatro coordenadores e duas sedes, uma no Departamento de História da USP e outra no Instituto de História da UFRJ.

Um dos principais objetivos do LATHIMM é colaborar para a produção e difusão de conhecimentos acerca das imagens medievais. Nesse sentido, destacam-se os Encontros que são organizados desde o ano de sua criação. Neles busca-se promover um diálogo entre a reflexão teórica e a práxis historiográfica no campo específico das imagens medievais – para isso, contribuem também as comparações com outras temporalidades e entre diferentes suportes midiáticos.

Neste XII Encontro Internacional “A imagem medieval: história e teoria”, organizado pela Lathimm/USP e realizado entre os dias 6 e 9 de dezembro de 2022, em modalidade remota, estarão reunidas pesquisadoras e pesquisadores provenientes de diferentes regiões do país e do exterior. Haverá cinco conferências que versam sobre um tema específico, as imagens nos manuscritos medievais, e oito mesas de comunicações com vinte e cinco trabalhos tratando de imagens medievais em geral.

Convidamos a todas e todos que conheçam os resumos dos trabalhos apresentados nessa edição.

Comissão de Organização



P ROGRAMAÇÃO

6 de Dezembro - terça-feira

9h-9h10 Abertura

9h10-10h30 Conferência de Abertura

Dra. Maria Alessandra Bilotta (U. Nova de Lisboa, Portugal)

10h30-12h30 Mesa de Comunicação 1

12h-13h30 Almoço

13h30-15h Conferência

Muriel Araújo Lima Garcia (LATHIMM)

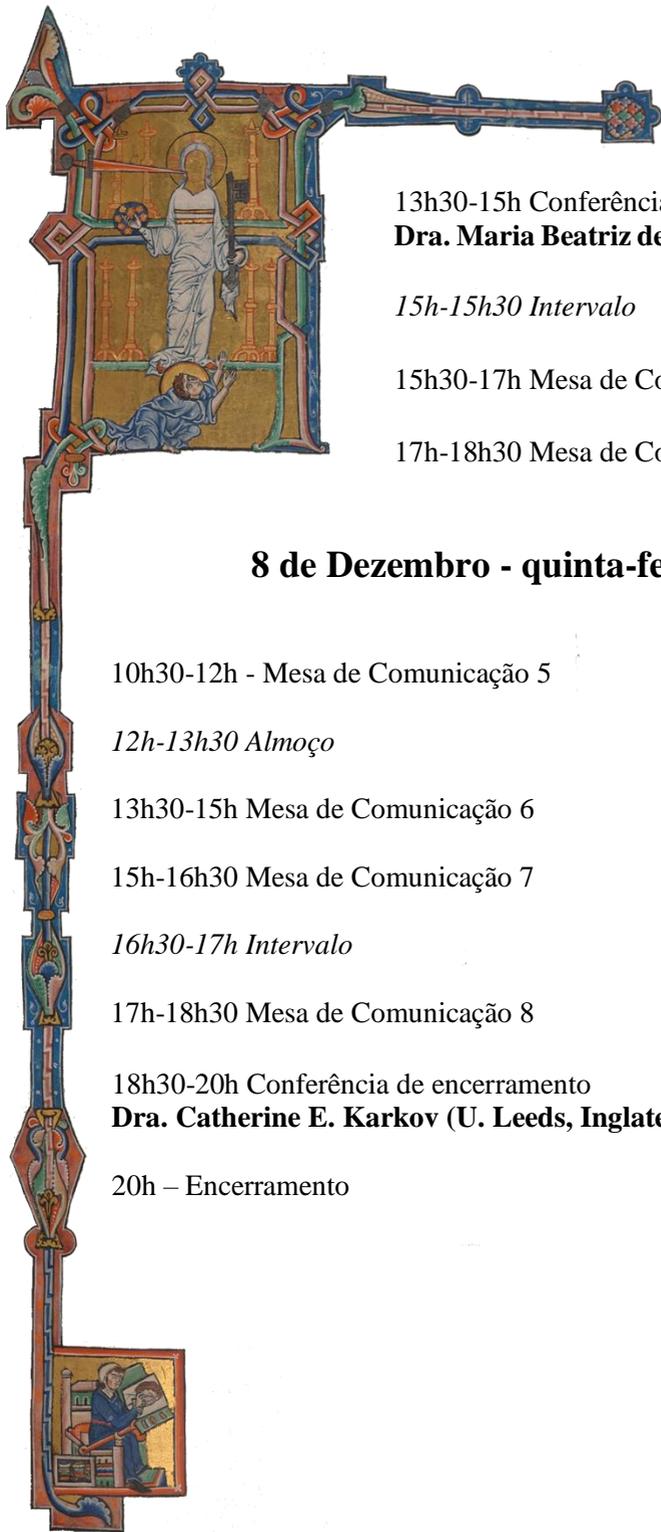
7 de Dezembro - quarta-feira

9h-10h30 Conferência

Dra. Inês Correia (MUDE, Portugal)

10h30-12h Mesa de Comunicação 2

12h-13h30 Almoço



13h30-15h Conferência

Dra. Maria Beatriz de Mello e Souza (UFRJ)

15h-15h30 Intervalo

15h30-17h Mesa de Comunicação 3

17h-18h30 Mesa de Comunicação 4

8 de Dezembro - quinta-feira

10h30-12h - Mesa de Comunicação 5

12h-13h30 Almoço

13h30-15h Mesa de Comunicação 6

15h-16h30 Mesa de Comunicação 7

16h30-17h Intervalo

17h-18h30 Mesa de Comunicação 8

18h30-20h Conferência de encerramento

Dra. Catherine E. Karkov (U. Leeds, Inglaterra)

20h – Encerramento

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	5
---------------------	----------

PROGRAMAÇÃO	6
--------------------	----------

SUMÁRIO	8
----------------	----------

CONFERÊNCIAS	11
---------------------	-----------

O SOM DA IMAGEM (THE SOUND OF THE IMAGE)	12
---	-----------

DRA. CATHERINE E. KARKOV (U. LEEDS, INGLATERRA)

A IMAGEM DO LIVRO VEICULADA PELO PROGRAMA ICONOGRÁFICO DA ANUNCIAÇÃO	13
---	-----------

DRA. INÊS CORREIA (MUDE, PORTUGAL)

A IMAGEM NOS MANUSCRITOS JURÍDICOS MEDIEVAIS: FUNÇÃO E RECEPÇÃO	14
--	-----------

DRA. MARIA ALESSANDRA BILOTTA (U. NOVA DE LISBOA, PORTUGAL)

ILUMINURAS DO SAGRADO CORAÇÃO	15
--------------------------------------	-----------

DRA. MARIA BEATRIZ DE MELLO E SOUZA (UFRJ)

O UNCANNY NAS MARGENS DA TERRA E NO INÍCIO DOS TEMPOS	16
--	-----------

DRA. MURIEL ARAÚJO LIMA GARCIA (LATHIMM-USP)

COMUNICAÇÕES	17
---------------------	-----------

“A QUESTO TEMPO FU FINITO IL DEVOTISSIMO LIBRO”: NOTAS SOBRE A TRADIÇÃO MANUSCRITA DO SPECCHIO DELL’ORDINE MINORE (FRANCESCHINA)	18
---	-----------

ANDRÉ LUIZ MARCONDES PELEGRINELLI

AS CRISTIANIZAÇÕES DA ANTIGUIDADE CLÁSSICA NA IMAGEM DO INFERNO NA CAPELA STROZZI DI MANTOVA	19
---	-----------

BRUNO DOS SANTOS MENEGATTI

AS IMAGENS NAS CANTIGAS DE SANTA MARIA, DE DOM AFONSO X	20
CARLOS HENRIQUE DURLO	
IMAGENS DE CRUCIFIXOS MILAGROSOS NA BAIXA IDADE MÉDIA E INÍCIO DA MODERNIDADE	22
DEBORA GOMES PEREIRA AMARAL	
A ILUMINURA E(M) SEU CONTEXTO: REPRESENTAÇÕES DA MISSA DE SÃO GREGÓRIO EM MISSAIS MANUSCRITOS FRANCESES	23
DOGLAS MORAIS LUBARINO	
ICONOGRAFIA E CIRCULAÇÃO NO MS. GREC 550 – AS HOMILIAS DE SÃO GREGÓRIO DE NISSA	25
ELIAS FEITOSA DE AMORIM JUNIOR	
O INSTRUMENTAL DE APOLO EM MANUSCRITOS MEDIEVAIS	26
FELIPE GALHARDI RODRIGUES	
AS IMAGENS DOS JUDEUS NAS MARGENS DO SALTÉRIO DE LUTTRELL (INGLATERRA, C. 1330)	27
GIOVANNI BRUNO ALVES	
A REPRESENTAÇÃO DA CIDADE REBELDE DE GÊNOVA EM <i>LE VOYAGE DE GÊNES</i>	28
HENRIQUE MACHADO VIEIRA LOPES	
IDENTIFICAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DE PIGMENTOS NOS ESTUDOS INTERDISCIPLINARES SOBRE MANUSCRITOS ILUMINADOS: O CASO DO LÁPIS-LAZÚLI OU AZUL ULTRAMARINO	29
ISAMARA LARA DE CARVALHO	
ENTRE AVES, HUMANOS E HÍBRIDOS: ESTUDO QUALITATIVO E QUANTITATIVO DAS MARGENS DO LIVRO DE HORAS DA COLEÇÃO IVANI E JORGE YUNES (CIJY)	31
JEFFERSON CAUÊ ANTIQUEIRA CAMARGO	
RETÓRICA GRÁFICO-VISUAL NO CICLO ECFRÁSTICO DE IMAGENS DO <i>CODEx PURPUREUS ROSSANENSIS</i> (Σ 042)	32
KAROLINA SANTOS DA ROCHA	
DIÁSPORA DO MANUSCRITO: ANÁLISE DA RECEPÇÃO DE UM FAC-SÍMILE PARCIAL DO LIVRO DE KELLS (SÉC. IX) EM ESCALA GLOBAL	34
LEILA RANGEL SILVA GEROTO	
A CONSTRUÇÃO DE UM REI CRISTÃO IDEAL: LUIS IX E A BÍBLIA DA CRUZADA COMO ESPELHO DE PRÍNCIPE	36
MAGALLI SANTOS DE SOUZA CHAGAS	

A MÚSICA INSTRUMENTAL EM THE RUTLAND PSALTER (ADD MS 62925): UM ESTUDO ICONOGRÁFICO	38
MARCUS HELD	
AS ILUMINURAS DO LIVRO DE HORAS 50,1,016 DA BIBLIOTECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO EM PERSPECTIVA COMPARATIVA: OS CÓDICES BSG 2685 E BL STOWE 25	39
MARIA IZABEL ESCANO DUARTE DE SOUZA	
HISTÓRIA DA ALQUIMIA NA ICONOGRAFIA MEDIEVAL	40
MARIA RITA GUERCIO	
A OBRA <i>IMAGO MUNDI</i> DE PIERRE D’AILLY E SUA INFLUÊNCIA NA GÊNESE DO PROJETO DE NAVEGAÇÃO QUE LEVOU COLOMBO AO NOVO MUNDO	41
MARIO CALDONAZZO DE CASTRO	
A CRIAÇÃO DO MUNDO EM UM REGIME DE SAÚDE MEDIEVAL (BRITISH LIBRARY, SLOANE Ms.2435)	42
MAYRA REIS ROCHA	
ILUMINURAS DIGITALIZADAS: O CASO DA BIBLIOTECA MUNICIPAL DE CAMBRAI (FRANÇA)	43
PAMELA WANESSA GODOI	
MORFOLOGIAS DA ANTIGUIDADE NO SÉCULO XII: UM MARTIROLÓGIO- OBTUÁRIO CORBIENSE E SUAS ESCRITAS-ORNAMENTO (BNF, MS. LATIN 17767)	44
PEDRO DE OLIVEIRA E SILVA	
A SOCIEDADE MEDIEVAL NA INGLATERRA DO SÉCULO XII: IMAGENS DO SOCIAL, CULTURAL E SIMBÓLICO NA MINISSÉRIE OS PILARES DA TERRA	45
RAFAEL RIBEIRO	
A ILUMINURA E A IMAGEM XILOGRÁFICA NOS PRIMEIROS LIVROS IMPRESSOS: CONSIDERAÇÕES SOBRE O USO DA COR NO LIVRO DE HORAS	46
REGIANE APARECIDA CAIRE DA SILVA	
O ANJO CUSTÓDIO DE PORTUGAL: IMAGEM E ORAÇÃO NO LIVRO DE HORAS DITO DE DOM MANUEL I	48
ROSÂNGELA APARECIDA DA CONCEIÇÃO	
REPRESENTAÇÃO E AMBIVALÊNCIA: USOS E SENTIDOS DO CARACOL PARA AS SOCIEDADES DOS SÉCULOS XIII AO XV NA EUROPA OCIDENTAL	49
STEFANNY BATISTA DOS SANTOS	



C ONFERÊNCIAS

O Som da Imagem
(The Sound of the Image)

Dra. Catherine E. Karkov
University of Leeds, Inglaterra

A última década conheceu uma virada sobre a materialidade dos manuscritos, com estudos que se ocupavam particularmente daquelas peles vivas e da presença contínua dos animais cujas vidas foram indispensáveis àquela produção. Embora esse tenha sido um fenômeno literário amplo, os historiadores da arte também exploraram algumas das muitas formas sob as quais esse tema aparece na iluminação de manuscritos. Menor enfoque, no entanto, foi dado a outros aspectos da materialidade dos manuscritos, como as tintas, os pigmentos minerais, o ouro e outros materiais usados em sua fabricação, os sons de sua fabricação, os sons que são evocados em seu uso tanto no passado quanto no presente. O som pode participar do processo de trazer uma imagem de manuscrito à vida, de integrar texto e imagem, de acrescentar diferentes camadas de sentido aos textos aos quais as imagens acompanham, e de levantar questões sociais ou ecológicas. O silêncio e o silenciamento podem, decerto, fazer o mesmo. Esta conferência irá tomar o recente giro dos estudos sobre o som para elucidar alguns dos muitos modos pelos quais pensar sobre o som de uma imagem pode acrescentar sentidos a nossa leitura de imagem e de texto, assim como a nossa compreensão da materialidade dos manuscritos que os contém.

A Imagem do Livro veiculada pelo programa iconográfico da Anunciação

Dra. Inês Correia
Museu do Design, Portugal

O tema será desenvolvido a partir da leitura da imagem medieval enquanto resultado pictórico de Figuração e de Representação, concretizando a sua utilidade simbólica, mas também documental. Não obstante os limites de representação do códice, a iluminura medieval fornece elementos materiais que podem ser observados e diferenciados em função de múltiplas tipologias, essenciais para o entendimento das práticas de leitura e da própria História do Livro. Trata-se de um tema que estimula o debate e coloca em diálogo áreas complementares como a história da arte, a codicologia e a conservação.

A imagem nos manuscritos jurídicos medievais: função e recepção

Dra. Maria Alessandra Bilotta
Universidade Nova de Lisboa, Portugal

A conferência visa oferecer uma panorâmica e uma reflexão sobre o uso das imagens em manuscritos jurídicos medievais, a fim de fornecer algumas ferramentas metodológicas que ajudem a interpretar essas imagens e a compreender corretamente as diferentes facetas da sua relação com os textos jurídicos que ilustram.

Iluminuras do Sagrado Coração

Dra. Maria Beatriz de Mello e Souza
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Este estudo aborda alguns contextos em que o coração de Jesus é representado em iluminuras medievais. As variantes iconográficas centradas no Sagrado Coração apontam não apenas para a Paixão de Cristo e a devoção eucarística que se intensificou desde o século XIII na liturgia. O imaginário que se inspira no valor do sangue de Cristo deixou importantes registros também na literatura. Objeto de reflexão milenar de cunho anatômico, teológico e filosófico, nas imagens o Sagrado Coração torna-se um órgão vivo, que concentra afeto e compaixão. Representado com criatividade pictórica em inúmeras iluminuras, o coração assume uma dimensão polissêmica. Esta iconografia pode evocar, por exemplo, vínculos com outros corações como o da Virgem Maria e virgens místicas do norte da Europa. Procuro explorar alguns significados atribuídos à devoção do Sagrado Coração a partir da iconografia que se desenvolve desde o século XIII. As iluminuras podem ser inspiradas na espiritualidade de Francisco de Assis (1181/1182 - 1226) ou na hagiografia que relata visões do Sagrado Coração. A mística cisterciense constitui um tema importante de investigação nas figuras das monjas Matilde de Hackeborn (1240/1241 - 1298), Gertrudes de Helfta (1256 - 1301/ 1302) e, sobretudo, Maria Lutgarde de Tongres (1182- 1246), também conhecida como Lutgarda d'Aywiers).

O *uncanny* nas margens da Terra e no início dos tempos

Dra. Muriel Araújo Lima Garcia

Laboratório de Teoria e História das Mídias Medievais-USP

Os bestiários são manuscritos que tratam da descrição e, muitas vezes, moralização de animais, plantas e pedras, tendo sido produzidos especialmente na Inglaterra entre os séculos XII e XIII. Alguns desses manuscritos são notáveis pela inclusão de Ciclos da Criação ilustrados antes do conteúdo do bestiário propriamente dito. Os ciclos fazem alusão a episódios bíblicos, como a Queda da humanidade, mas também possuem imagens que teriam significado especial para leitores ingleses medievais, como referências a Lúcifer e à Boca do Inferno. O objetivo desta conferência é analisar as particularidades dos Ciclos da Criação em bestiários, como esses conjuntos figurativos se relacionam com uma tradição figurativa anterior, e de que forma isso está associado ao lugar marginal da Inglaterra na geografia da Idade Média, onde o conceito do *uncanny* (estranho-familiar) se apresenta como essencial para a compreensão do status da humanidade na ordem divina.



COMUNICAÇÕES

“*A questo tempo fu finito il devotissimo libro*”: notas sobre a tradição manuscrita do *Specchio dell’Ordine Minore (Franceschina)*

André Pelegrinelli

Universidade de São Paulo / Universidade de Roma

O *Specchio dell’Ordine Minore (Franceschina)* é um compêndio cronístico-hagiográfico franciscano observante escrito pelo frei Jacopo Oddi nos anos 70 do século XV. Reescrevendo a história dos menores e de seus protagonistas, Oddi reelaborou a memória minorita em chave observante, apresentando o seu grupo como legítimo herdeiro do carisma de Francisco de Assis. Nesta comunicação discutirei a tradição manuscrita da obra, presente em cinco códices (três do séc. XV; um do século XVI; e um último do século XVIII), apresentando uma proposta de *stemma codicum* que considere a integração entre textos e imagens, visto que esta característica, presente em todos os exemplares, faz da obra um *unicum* na hagiografia franciscana. Uma análise combinada das notas marginais presentes nos códices, somadas a outros documentos, permite reconstruir parte da história da obra e das funções pretendidas pelo texto e pelas suas imagens em diferentes públicos e contextos.

Palavras-chave: Franciscanismo; Franceschina; Imagem e Filologia

As cristianizações da Antiguidade Clássica na imagem do Inferno na
Capela Strozzi di Mantova

Bruno dos Santos Menegatti
Universidade de São Paulo

O Trecento italiano pode ser caracterizado como um período de transformações no imaginário cristão do pós vida e conseqüentemente do Inferno. A longa tradição medieval das visões do Inferno até o fim do século XIII indica o uso da desordem e da ambigüidade como elementos descritivos da natureza onírica e inconsciente dos relatos visionários. As imagens do tema, ao mesmo tempo, são geralmente reduzidas ao canto inferior direito da composição, sobretudo nas pinturas do Juízo Final. Ao longo do século XIV surgem novas propostas iconográficas entre as quais uma das mais notáveis está o Inferno da Capela Strozzi di Mantova (1350-1357 ca.) na Basílica dominicana de Santa Maria Novella. Esta pintura – um segmento de um ciclo de afrescos do Julgamento – é um dos primeiros testemunhos de monumentalidade e alinhamento pictórico com as descrições topológicas do Inferno de Dante. A ampla fatura crítica desta relação entre imagem e texto revela a sugestão de um elogio à *Commedia* que, em verdade, esconde profundas críticas teológicas promovidas por mendicantes toscanos que, por vezes, beiravam um juízo de heresia à obra dantesca. Entre as críticas, estava o excesso de mitologia, de secularismo e de poetização, o que seria inadequado a uma visão cristã. Mas se Dante não poderia ser considerado um visionário pelas ordens mendicantes, quais as razões para a citação de sua obra em um ciclo de afrescos do Juízo Final numa capela dominicana? A consideração deste desnivelamento entre texto dantesco e imagem cristã revela, a partir da documentação histórica e de metodologias transversais, um novo vigor para reflexões e integrações entre a Dantística e a História da Arte Medieval.

Palavras-chave: Divina Comédia; Tradição clássica; Inferno.

As imagens nas Cantigas de Santa Maria, de Dom Afonso X

Carlos Henrique Durlo
Universidade Estadual de Maringá

Para a sociedade medieval, a relação afetiva com a imagem sempre foi de extrema importância. A mediação era efetivada pela Igreja Católica no intuito de evangelizar, catequizar, converter e expandir o seu poder. A imagem transpassa a concepção de mundo e de humanidade do medievo. Aliadas aos textos literários e aos testemunhos orais, as imagens constituem um acervo histórico que retrata as mudanças históricas, sociais e culturais. Inspirada na Antiguidade Clássica, a Idade Média deu um novo significado às imagens veiculadas, conferindo aos temas apresentados e a inserção de sentimentos humanos, mundanos e divinos, aproximando a sociedade medieval da religiosidade cristã. Ao longo de todo o período medieval, as imagens foram determinantemente marcadas pela influência do cristianismo, no que diz respeito à iconografia, nos manuscritos iluminados, nos vitrais, nas esculturas e nos objetos litúrgicos. No tocante às Cantigas de Santa Maria, as iluminuras vinculam-se ao texto poético, embora não possuam uma relação biunívoca com a narrativa poética, uma vez que, na maioria das vezes, ampliam e até mesmo apresentam detalhes não revelados no texto poético. As Cantigas de Santa Maria, obra de caráter religioso e cristão, apresentam imagens que permitem descobrirmos detalhes da vida do povo pertencente à segunda metade do século XIII, nos mais variados aspectos e centralizados na figura da Virgem Maria, cujo culto teve grande expansão no reinado de Dom Afonso X. A presença constante da imagem de Maria nas iluminuras não atesta apenas a devoção pessoal de Dom Afonso X, como também nos apresenta uma teoria complexa sobre a imagem sagrada, exposta, paralelamente, ao texto poético. O cancionário mariano, idealizado e planejado pelo Rei Sábio, inclui trovas de caráter pessoal, revelando-o um autêntico trovador de Santa Maria. Nas páginas manuscritas e ilustradas observamos a autobiografia de um trovador que busca um prêmio advindo das mãos de sua Senhora celestial. Ao analisarmos as iluminuras que compõem a obra afonsina, percebemos um gosto pelas cores reveladas na vida e nos costumes cotidianos das personagens ali representadas. Estão nas roupas, nos adornos, nas armas e nas casas que compõem a vila, em detalhes que despontam a sensibilidade do miniaturista. As iluminuras que acompanham o texto poético das Cantigas apresentam a sensibilidade do

miniaturista. Revelam emoções no relacionamento com o mundo e o sobrenatural, o insondável e o místico. Toda cor empregada na narrativa visual expressa uma carga simbólica. Embora não esteja ao nosso alcance um manual que apresente as técnicas medievais adotadas na elaboração do cancionário mariano do Rei Sábio, pode-se perceber uma lógica, de certa forma, coesa, aplicada à obra: primeiro temos o texto poético e, em seguida, o desenho do contorno das imagens e, por último, a coloração.

Palavras-chave: Imagens; Iluminuras; Cantigas de Santa Maria.

Crucifixos sangrantes: narrativas visuais em manuscritos da Baixa Idade
Média

Debora Gomes Pereira Amaral
Universidade de São Paulo

Por volta do século XIII, as compilações de milagres cristãos (como os *Miracles de Nostre Dame*, *La Vie des Pères du désert* e as *Cantigas de Santa Maria*) começaram a receber miniaturas figurando tais eventos sobrenaturais. Dentre elas, as que nos ocuparão nesta comunicação são as que representam a manifestação milagrosa de crucifixos após sofrerem ataques iconoclastas. Trata-se de iluminuras que se propõem a tornar visível o momento da manifestação sagrada do objeto visual religioso: o momento místico que poucos fiéis puderam experimentar, mas que por meio de lendas e de imagens poderia ser conhecido pelos demais. Ou seja, são imagens narrativas (*historiae*) da manifestação milagrosa da *imago* (sua *uirtus sancta* ou poder milagroso). Assim, analisaremos aqui algumas destas narrativas pictóricas, como as presentes em um manuscrito do *Speculum historiale* de Vincent de Beauvais do século XV (BnF, Français 310, fol. 227v) ou em um manuscrito de uma *Legenda Áurea* catalã do século XIV (BnF, Espanhol 44, fol. 119r), dentre outras. Nossa intenção é contribuir para a compreensão de como a ação milagrosa dos objetos visuais religiosos seria percebida pelos fiéis, em outras palavras, para entendermos como os cristãos (bem como os considerados hereges) poderiam aceitar ou não o poder milagroso das imagens sagradas.

Palavras-chave: Crucifixos Milagrosos, Imagens Milagrosas, Iconoclastia.

A iluminura e(m) seu contexto: representações da Missa de São Gregório
em missais manuscritos franceses

Doglas Morais Lubarino
Universidade Estadual de Campinas / EPHE

Imagens que evocam a celebração de uma missa são comumente encontradas em missais medievais. Enquanto algumas dessas iluminuras podem evocar a missa em um contexto genérico, representando a celebração em sua totalidade sem focar em um momento específico, outras fazem referência a algum momento preciso da liturgia eucarística, notadamente a elevação das espécies sacramentais: a hóstia ou o cálice. Na maior parte dessas imagens, o sacerdote não é um personagem específico, mas uma figura que ajuda a compreender que a imagem se refere à celebração de uma missa. A partir do fim do século XIV, no entanto, encontramos um outro tipo de representação da missa no âmbito de diversos manuscritos litúrgicos da cristandade latina. Trata-se de um *topos* iconográfico atualmente conhecido como a Missa de São Gregório. Nessas imagens o Cristo surge de maneira milagrosa sendo representado em geral como o “homem das dores”, também conhecido como *Vir Dolorum* ou *Imago Pietatis*. A essa aparição juntam-se outros elementos: os instrumentos da Paixão (conhecidos também como os *arma Christi*). Essas imagens apresentam ainda um sacerdote específico, São Gregório Magno, que é o celebrante da missa e principal testemunha dessa teofania. Além disso, essas miniaturas poderiam evocar uma missa ou um momento específico no qual o Cristo teria aparecido milagrosamente ao Papa Gregório. A maior parte dos pesquisadores, ao estudarem a Missa de São Gregório, buscam ligar essa iconografia à Paixão de Cristo, à devoção (eucarística, do santo sangue de Cristo, das chagas da Paixão etc.) e às indulgências. Nessas análises, a figura de São Gregório pode ser negligenciada ou mesmo considerada como algo supérfluo ou secundário. Mesmo que essas concepções sejam pertinentes em diversos aspectos da iconografia em questão, elas não nos parecem suficientes para compreender a presença de um novo tipo de imagem no âmbito de um manuscrito específico: o missal. Essa problemática é analisada de maneira um pouco mais sistemática no âmbito de nossa tese doutoral. Buscando partilhar, ainda que parcialmente, alguns resultados desse trabalho, pretendemos analisar a figura gregoriana, especialmente quando a Missa de São Gregório está figurada em uma parte do texto litúrgico que está ligada especificamente a este papa, tais como o

Gregorius præsul e o *Deus qui anime famuli tui Gregorii*, coleta da festa litúrgica do dia de São Gregório. Dessa maneira, procuraremos estudar se a figura de São Gregório poderia, em certos contextos, ser um reflexo de um modelo de autoridade e um exemplum para o clero. Compreenderemos, assim, as imagens da Missa de São Gregório em um sentido ambivalente – o que nos ajudaria a entender sua presença nos missais.

Palavras-chave: Missal; Liturgia; São Gregório

Iconografia e circulação no Ms. Grec 550 – As Homilias de São Gregório de Nissa

Elias Feitosa de Amorim Junior
Université de Paris I (Panthéon-Sorbonne)

Propomos uma comunicação dedicada a apresentar um estudo da iconografia presente no manuscrito grego (Ms. Grec 550) que é uma cópia das Homilias de Gregório de Nissa, produzido em Constantinopla, datada do século XII, dedicado ao basileus Basílio II, e presente no acervo da Bibliothèque Nationale de France. Trata-se de aproveitar o contexto do Encontro e compartilharmos uma fração de nossa pesquisa de doutorado que se encontra em andamento, envolvendo a circulação de modelos iconográficos bizantinos nos séculos XII e XIII entre a França e o Império Bizantino ao se analisar um conjunto de vitrais de temática hagiográfica na catedral de Notre-Dame de Chartres. O processo de pesquisa envolve a consulta e catalogação de diversas fontes iconográficas presentes em manuscritos, ícones, afrescos e mosaicos fabricados no Império Bizantino ou mesmo em regiões que estiveram sob seu controle e posteriormente sofreram outras dominações, com uma consideração especial ao sul da Península Itálica para o posterior cotejo e análise comparativa em relação aos vitrais. O objetivo é uma abordagem que envolva a dimensão codicológica pensando na materialidade, na estrutura de organização dos textos e imagens do manuscrito, bem como nas características que lhe são particulares no tipo de iconografia desenvolvida e nesse sentido, a reflexão sobre a circulação de modelos iconográficos e as possíveis inferências sobre suas origens e características dentro e fora do Império Bizantino, levando em consideração as discussões sobre a cultura visual na Idade Média apontadas por Jean-Claude Schmitt, ao se pensar na dinâmica que envolve o conjunto das formas plásticas, das práticas de culto e o embasamento teórico que lhe proporciona legitimidade.

Palavras-chave: Iconografia circulação paleografia grega.

O instrumental de Apolo em manuscritos medievais

Felipe Galhardi Rodrigues
Universidade de São Paulo

Na Grécia antiga, uma das principais divindades que tinha como atributo a música era Apolo. Na maioria de suas representações, o deus estava acompanhado da lira-cítara ou do seu arco. Alguns estudiosos veem grande similaridade na origem simbólica dessas duas ferramentas portadas pelo deus, ambas possuem cordas além de compartilharem vocábulos nas poesias épicas. A lira-cítara está intimamente relacionada ao culto de Apolo e foi o instrumento mais difundido entre os gregos. Sua utilização não ficou restrita apenas aos virtuosos citaristas e citaredos, acompanhado de outros instrumentos ou solo, seu estudo fazia parte da formação educacional integral no mundo grego, principalmente em Atenas. Porém, a ascensão do cristianismo é o marco para o declínio do instrumento. Com o passar do tempo, os tradicionais instrumentos helênicos foram caindo em desuso e outros instrumentos foram ocupando esse lugar, como fica bastante evidente em algumas representações do deus. Na obra *Épître d'Othéa* de Cristina de Pisano e nos *Sonetos e Canzonas Italianas de Liberale da Verona*, podemos observar uma adaptação das representações do deus. Apolo passa a ser representado portando outros tipos de instrumentos, mas que ainda preservam, de alguma forma, similaridades. A presente comunicação busca apresentar os aspectos principais desses instrumentos retratados, como se davam as suas utilizações durante a Idade Média e como esses tipos de instrumentos se relacionam com as representações gregas de Apolo.

Palavras-chave: Apolo, Música, Instrumentos.

As imagens dos judeus nas margens do Saltério de Luttrell (Inglaterra, c.
1330)

Giovanni Bruno Alves
Universidade Estadual de Maringá

Objetivamos, neste trabalho, discutir a forma como os judeus são apresentados na imagética marginal do Saltério de Luttrell. Este manuscrito trata-se de um livro de Salmos iluminado, que possuiu, como comitente, o cavaleiro inglês Sir Geoffrey Luttrell (1276-1345). Os iluminadores trabalharam em sua confecção por cerca de, pelo menos, 15 anos (1330-1345), nas proximidades da região de Irnham, em Lincolnshire. Dentre seu conteúdo imagético, destacam-se mais de 200 fólios que tiveram suas margens iluminadas, ainda que tal trabalho não tenha sido concluído. As temáticas levantadas por tais imagens são consideravelmente diversas, muitas vezes se aproximando dos interesses e das necessidades do patrono, o senhor Luttrell, conforme consenso afirmado pelos especialistas dedicados ao estudo do manuscrito, como Michael Camille (1998), Janet Backhouse (1989) e Michelle Brown (2006). Diante destas possibilidades, elegemos, para o presente estudo, a questão da imagem de um “outro” que participa especialmente de cenas ligadas à vida de Cristo, entre os fólios 88r-96r do Saltério de Luttrell. Com auxílio de obras voltadas ao estudo de formas de se narrar a diferença, como o trabalho de François Hartog (2014), de Kathryn Woodward (2009) e de Benjamin Isaac (2006), pretendemos questionar os signos e as escolhas envolvidas em tais imagens, assim como explorar sua relação com o restante do manuscrito, com as intencionalidades de Sir Geoffrey Luttrell e dos outros sujeitos envolvidos em sua confecção. Além disso, visamos abordar as problemáticas que concernem a situação dos judeus no reino da Inglaterra durante a primeira metade do século XIV, especialmente no que tange à sua expulsão oficial por ordem de Eduardo I (1272-1307) em 1290 e seus efeitos na sociedade inglesa durante as décadas que se seguiram. Para isso, contamos com as obras de historiadores voltados à questão dos judeus na Idade Média, como Samantha Zachary (2015), Geraldine Heng (2015) e Miri Rubin (2006).

Palavras-chave: Judeus; Alteridade; Manuscritos Iluminados.

A representação da Cidade Rebelde de Gênova em *Le Voyage de Gênes*

Henrique Machado Vieira Lopes
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Esse trabalho tem como objetivo avaliar uma série de iluminuras do manuscrito de *Le Voyage de Gênes* de Jean Marot localizado na Bibliothèque Nationale de France e disponibilizado na plataforma Gallica. O uso de escritos políticos na construção da narrativa política da nobreza foi muito presente nos séculos XV e XVI, e o monarca Luís XII se inclui entre aqueles que se utilizaram dessas ferramentas. *Le Voyage de Gênes* usa o evento da vitória francesa contra uma rebelião da cidade de Gênova em 1507 para glorificar as capacidades militares do monarca. O códice de Jean Marot foi criado a pedido da rainha Ana da Bretanha e não fugiu ao padrão narrativo do período e foi um entre vários escritos políticos do século XVI com funções propagandísticas da figura real de Luís XII. Porém, o manuscrito se destacou para a historiografia pela presença de suas detalhadas iluminuras feitas por Jean de Bourdichon que contam o evento de forma a exaltar a figura do rei e diminuir a figura dos rebeldes. A apresentação, entretanto, terá como objetivo não se debruçar na figura do rei, mas sim na figura da cidade rebelde representada pela dama Gênes que é iluminada quatro vezes no manuscrito, sendo a figura central das iluminuras em que se encontra presente e representando a visão do autor nas imagens sobre a cidade rebelde durante o evento. Nas iluminuras a figura feminina é apresentada como um ser facilmente manipulável e fraco nesse espaço político, um contraste interessante, visto que o manuscrito foi pedido por uma mulher muito ativa politicamente no período.

Palavras-chave: iluminura; guerras italianas; propaganda.

Identificação e caracterização de pigmentos nos estudos interdisciplinares sobre manuscritos iluminados: o caso do lápis-lazúli ou azul ultramarino

Isamara Lara de Carvalho

Universidade Federal de Minas Gerais

A História da Arte Técnica, campo do conhecimento recentemente constituído, funda-se na interdisciplinaridade entre áreas das ciências humanas (história, história da arte etc.), das ciências naturais (física, química, biologia, mineralogia etc.) e a ciência da conservação. Entre as metodologias aplicadas está a identificação e caracterização de pigmentos, que tem por fim produzir conhecimento sobre a materialidade de um dado bem cultural e resolver questões sobre sua origem, local de produção, modo ou tecnologia de produção, filiação artística, datação, autenticidade etc. Desse modo, os estudos interdisciplinares têm ganhado importância no contexto internacional nas últimas décadas, contribuindo para o desenvolvimento das pesquisas sobre os mais diversos artefatos, como os manuscritos iluminados.

O lápis-lazúli, também conhecido por azul ultramarino, é um dos pigmentos mais importantes da história, tanto por seu valor econômico e simbólico como por suas qualidades incomparáveis. O azul intenso extraído da pedra semipreciosa lápis-lazúli foi, durante muito tempo, cobiçado por sua beleza e durabilidade, mas era muito difícil de obter devido à localização da única jazida conhecida desde a Antiguidade até o século XIX – as minas de Badakshan, no Oriente (atual Afeganistão). Apesar de a pedra ter sido utilizada como pigmento desde pelo menos a Alta Idade Média, o processo de extração do pigmento azul puro só foi descoberto cerca de 1200, segundo fontes do século XIII. Esse processo, complexo e trabalhoso, conforme descrito em receituários e tratados medievais como o de Cennino Cennini (séc. XIV), levou ao aprimoramento da cor e a uma significativa elevação no preço do produto. A simbologia atribuída a esse azul passou então a ser a de virtude e pureza, qualidades associadas a figuras como a Virgem e Cristo, passando a ser utilizada na representação de seus mantos em pinturas, murais e iluminuras nos séculos XIV ao XVI. O advento da técnica da pintura a óleo, bem como da imprensa, acabou por contribuir para a decadência do uso desse pigmento ao longo dos séculos XVI ao XVIII. No entanto, a falta de azuis satisfatórios e a preços mais acessíveis levou a que se buscassem novos pigmentos para substituí-lo, o que ocorreu a

partir da década de 1820. Hoje, o ultramarino sintético é um pigmento relativamente barato e fácil de produzir.

Para exemplificar o uso desse pigmento na iluminação de manuscritos e a importância da sua identificação por meio de análises científicas, apresentaremos sua aplicação em dois livros de horas do século XV, onde aparecem de modo bastante diverso, e como sua identificação tem sido útil na solução de questões de autoria, datação e autenticidade. No primeiro, produzido em Paris, o lápis-lazúli foi aplicado no corpo original sobre outro pigmento azul menos dispendioso, a azurita – expediente muito comum para economizar o precioso pigmento. No outro, produzido em Flandres (Bruges), o ultramarino não foi utilizado no corpo original, apesar de ser um manuscrito luxuoso – mas aparece, de modo surpreendente, apenas no colofão, confirmando-o como adição posterior.

Palavras-chave: manuscritos iluminados; estudos interdisciplinares; lápis-lazúli.

Entre aves, humanos e híbridos: estudo qualitativo e quantitativo das margens do livro de horas da Coleção Ivani e Jorge Yunes (CIJY)

Jefferson Cauê Antikeira Camargo
Universidade de São Paulo

As Horas dos Yunes, livro de horas pertencente à Coleção particular Ivani e Jorge Yunes (CIJY) e conservado em São Paulo, são um códice iluminado da metade do século XV que contém orações para a devoção de laicos, além de seis miniaturas centrais - predominantemente nas orações do Pequeno Ofício da Virgem - e motivos ornamentais nas margens da maioria de seus fólios.

Fruto da nossa pesquisa de Iniciação Científica em andamento sobre a iluminação marginal do códice, focaremos esta comunicação na descrição e classificação serial dos motivos ornamentais das margens, sejam eles antropomórficos, zoomórficos, fitomórficos ou híbridos, e a posição que ocupam em relação à mancha do texto, sua distribuição e as eventuais relações entre eles e o texto do códice. Para tanto, utilizaremos o conceito de “imagem-objeto” de Baschet (1996) para compreender a interdependência entre o livro e suas margens, bem como os conceitos de “decoreção” e de “ornamentação” propostos por Bonne (1996) para pensar os sentidos dessas imagens marginais. Em virtude da abundância de motivos ornamentais e de sua repetição, cruzaremos os dados das imagens marginais em tabelas e gráficos conforme a metodologia para o estudo de corpus de imagens de Baschet (2015).

Palavras-chave: Livro de Horas da Coleção CIJY; margens; imagens.

Retórica gráfico-visual no ciclo efrástico de imagens do *Codex Purpureus Rossanensis* (Σ 042)

Karolina Santos da Rocha

Universidade Estadual de Montes Claros/Universidade de São Paulo

Neste trabalho, pretendemos apresentar uma interpretação efrástica do material gráfico-visual que antecede as cópias dos Evangelhos de Mateus e Marcos (até Mc 16, 14) no *Codex Purpureus Rossanensis* (Σ 042) (Século VI). Propomos apresentar um plano formal das imagens que figuram cenas da vida de Cristo, além dos trechos da Septuaginta grega que se organizam conjuntamente em 14 fólios precedentes. A apresentação do tema destacará as tentativas de reconstituição e os significados bíblicos e/ou litúrgicos que a literatura especializada propõe acerca do ciclo inicial de imagens. Dentre as possibilidades interpretativas que decorrem daí, encontram-se as muitas observações da literatura sobre a forma incompleta e incorreta de tal arranjo. Isso fez com que muitos estudiosos conjecturassem acerca de tal material, propondo novas sequências e adicionando outras possíveis temáticas. Intenta-se problematizar tais interpretações seguindo, dentre outros, a leitura de Jaś Elsner, para quem a apresentação de materiais imagéticos e textuais que antecedem o texto principal foi bastante comum na Antiguidade clássica e tardia, e poderia funcionar como uma espécie de prefácio ou resumo antes do próprio texto. Tal perspectiva implica considerar que o material em questão prefigura o texto subsequente, isto é, os evangelhos, através do princípio da parte pelo todo (*pars pro toto*), que abrevia ou sumariza a narrativa. Tendo em vista a similaridade posta na lógica figural entre o ciclo inicial de miniaturas e os textos dos Evangelhos, é adequado inferir que a imagem e o texto são processados a partir de um diálogo contínuo e intermediário. Nesse sentido, a visualização ou leitura do material poderia ocorrer de maneira sincrônica e não propriamente diacrônica ou sequencial. Evidentemente, os efeitos que se podem atribuir ao conjunto são vários, pois, além de estruturar os textos e combiná-los para ajudar seus possíveis leitores e/ou atraí-los, esta forma de apresentação gráfico-visual se entrelaça com outros textos e outras temporalidades, como é o caso das personagens veterotestamentárias e suas passagens da Septuaginta. A análise das imagens do *Rossanensis* mostrou que há uma preocupação com a narratividade dos evangelhos, mas isso é feito a partir da recomposição, da associação e do cruzamento entre diferentes tempos que se complementam e

são similares: o Antigo e o Novo Testamento. Nesse sentido, compreendemos que o material que antecede os Evangelhos no códice de Rossano, embora altamente subestimado, pode ser visto como um recurso retórico sofisticado, na medida em que combina, seleciona e cruza elementos diversos em níveis de estruturação distintos. Logo, como estratégia retórica e visual, a importância do ciclo inicial não está apenas na cópia e figuração de textos, mas também na adaptação e recomposição de que são objeto.

Palavras-chave: *Codex Purpureus Rossanensis*; manuscritos tardo-antigos; manuscritos neotestamentários; imagens neotestamentárias.

Diáspora do manuscrito: análise da recepção de um fac-símile parcial do
Livro de Kells (séc. IX) em escala global

Leila Rangel Silva Geroto
Universidade de São Paulo

Fac-símiles de manuscritos medievais são ferramentas importantes por servirem de paliativo ao acesso de pesquisadores que se encontram distantes de seu material original de trabalho. Ainda assim, fac-símiles de luxo possuem um acesso igualmente restrito, por seu alto custo. São representativos desta situação três fac-símiles de um dos mais conhecidos manuscritos medievais, o Livro de Kells (TCD MS 58, Irlanda, século IX), que analisei em minha pesquisa de Mestrado. Diversas notas a respeito da produção e lançamento dos fac-símiles do Livro de Kells mencionam que a realização destes projetos não apenas facilita e amplia o acesso do público aos manuscritos, mas também colabora para salvaguardar os originais. Na presente comunicação, entretanto, proponho o estudo de apenas um deles, o fac-símile parcial lançado pela editora londrina Thames & Hudson em 1974, com edição e comentários da historiadora da arte francesa Françoise Henry. Escolhi apresentar este fac-símile porque devido a sua maior circulação, em consequência de uma tiragem maior de exemplares e formato mais acessível, pude coletar dados em maior volume e diversidade de métricas (exemplares por país, bibliotecas por país, exemplares por continente ou região, etc), em comparação aos fac-símiles de luxo ou mesmo ao fac-símile digital. A análise foi realizada a partir de uma grade teórica interdisciplinar que reforça as relações conceituais entre memória e reprodutibilidade técnica de manuscritos medievais. A produção do fac-símile parcial, sua materialidade e sua finalidade são divergentes do uso do manuscrito original, ainda que ramificados da mesma origem, mas constituem-se como fontes históricas para refletir sobre a recepção de uma ideia de medievo nas últimas décadas e sobre o reforço da imagem projetada pelo movimento nacionalista irlandês. Por fim, mesmo sem constituir-se de fato como o que se convencionou chamar de fac-símile, o formato editorial acessível do fac-símile de 1974 pressupõe uma relação de valor pelo conteúdo que é representativo do artefato original, impactando na circulação e na distribuição do volume entre países, escolas e bibliotecas, e mesmo facilitando a revenda no mercado de usados, à medida que edições luxuosas de alta definição eram lançadas e ocupavam o espaço do fac-símile parcial.

Palavras-chave: Fac-símile, Livro de Kells, recepção.

A construção de um rei cristão ideal: Luis IX e a Bíblia da Cruzada como Espelho de Príncipe

Magalli Santos de Souza Chagas
Universidade Federal de São Paulo

Nesta presente apresentação objetiva-se realizar uma sucinta análise estilística do manuscrito iluminado “Bíblia da Cruzada,” produzido na quarta década do século XIII em Paris, cuja ordem de fatura foi até hoje atribuída a Luís IX, rei de França. Composto por 48 fólios ricamente iluminados, a Bíblia da Cruzada não possuía escrita em seu primeiro século de existência, entretanto suas iluminuras prestam-se a reforçar os ideais guerreiros da cristandade latina concretizados, de certa forma, no apelo messiânico do Estado cristão ocidental. Nela pode-se observar como as cenas de guerra do Antigo Testamento, ilustradas em dezenas de iluminuras, dialogavam com as Cruzadas que eram contemporâneas à sua produção. Todavia, a presente pesquisa busca investigar as motivações para a comitência deste objeto de estudo. Levanta-se a hipótese de que esta tenha sido produzida por ordem de Branca de Castela, mãe do rei Luís IX de França como um espelho de príncipe que se valeu de outro suporte, o imagético, para a educação de um rei cristão ideal. Mais ainda, buscar-se-á atestar a hipótese de que o principal objetivo da Bíblia da Cruzada tenha sido o de construir uma imagem de Luís IX como um rei ungido por Deus e Santo por excelência. Para tanto, Luís fora representado como os santos reis de Israel: Davi e Salomão. Para o discurso que este documento prestava-se fazer circular, Luís era o Ungido de Deus (o novo Davi), que levaria o povo escolhido, os cristãos do reino Franco (o novo Israel) à conquista da Terra Santa contra os infiéis impostores islâmicos (os novos Filisteus). Há muitas suposições acerca dessa associação, entretanto, a mais plausível relaciona-se ao fato de Luís IX ser um rei criado aos moldes cristãos que antecedem ao século XIII. É comum para a realeza capetíngia e até mesmo outras dinastias se associar ao um ideal de rei, sendo assim os seus formadores e tutores buscavam educar os príncipes a partir desse ideal e, para isso fazem uso dos inúmeros espelhos de príncipes, alguns idealizados para a formação e integridade desse futuro rei. Desta forma, mais do que educar Luís, Branca de Castela deseja fazer circular a imagem de um rei ungido por Deus para legitimar Luís no trono, mesmo este contando com tenra idade. Importa asseverar que um rei ungido por Deus, é legítimo na Europa Ocidental Cristã Medieval, portanto incontestável em sua essência. Por

fim, a análise detida deste manuscrito e as ideias em circulação que o mesmo lança luz, permite questionar a natureza desta fonte. Seria a Bíblia da Cruzada uma Bíblia? Afinal, a Bíblia (Vulgata) não era acessível aos leigos. Isso levamos a levantar a hipótese que o manuscrito em questão seria ele um espelho de príncipe, cuja atribuição de Bíblia seria substituída mais precisamente por “Espelho de Príncipe” iluminado modificando a forma com que os pesquisadores que sobre ela se debruçaram ao longo dos oito séculos que separam sua produção dos nossos dias de hoje a denominavam.

Palavras-chave: Bíblia da Cruzada; Luís IX; Iluminura.

A música instrumental em The Rutland Psalter (Add MS 62925): um estudo iconográfico

Marcus Held
Universidade de São Paulo

Embora a notação musical no ocidente medieval tenha sido desenvolvida desde o Império Carolíngio, sua utilização priorizou o repertório sacro, constituído, fundamentalmente, de música vocal. No âmbito instrumental, no entanto, grande parte do repertório notado pertence ao século XIV (*Ars Nova*) e, por isso, não representa a totalidade das práticas medievais. Com o objetivo de aprofundar os conhecimentos sobre a música não-cantada da *Ars Antiqua*, o foco da presente pesquisa detém-se no estudo iconográfico das representações de música instrumental presentes no manuscrito Psalter, Use of Sarum, mais comumente citado como The Rutland Psalter (Add MS 62925). Conservado atualmente na British Library, em Londres, foi produzido na mesma cidade em torno do ano 1260. Com 190 fólios de pergaminho, escrita gótica (*textualis quadrata*) e altamente ornamentado, trata-se do saltério britânico mais antigo de que se tem notícia. Em nossa análise, foram encontradas 20 imagens de cenas musicais protagonizadas por nobres, plebeus, animais e seres fantásticos presentes em iniciais historiadas (1), miniaturas (3) e marginália (16). Dessas, apenas uma contém música vocal (acompanhada por instrumentos). Embora os salmos constituam um dos principais gêneros musicais cristãos do ocidente medieval, foi possível identificar que a maioria das imagens analisadas caracterizam o cotidiano secular. Constatamos, ainda, que a escolha dos instrumentos relaciona-se sistematicamente à adequação ao decoro da cena representada. O presente estudo possibilitou, finalmente, verificar combinações instrumentais correntes na práxis secular cotidiana no século XIII.

Palavras-chave: The Rutland Psalter. Música Instrumental. Iconografia Musical.

As iluminuras do livro de horas 50,1,016 da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro em perspectiva comparativa: os códices BSG 2685 e BL Stowe 25

Maria Izabel Escano Duarte de Souza
Universidade de São Paulo

Há na seção de manuscritos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro um livro de horas do final da Idade Média registrado sob o número 50,1,016. Feito segundo o uso litúrgico de Paris, ele apresenta 160 fólios, mede 180 x 130 mm e sua encadernação é datada do século XX. Seu texto foi escrito em letras góticas, em latim, com algumas partes em francês. Em relação à sua datação e autoria, as principais informações foram fornecidas de maneira preliminar pelo historiador da arte François Avril em um artigo de 2016: ele teria sido feito por um Seguidor do chamado Mestre de Coëtivy, um dos principais pintores e iluminadores parisienses da segunda metade do século XV. Partindo destas informações e com o objetivo de estabelecer a autoria das iluminuras do códice 50,1,016, optamos por utilizar uma metodologia comparativa, constituindo um corpus de manuscritos e de obras de arte atribuídas ao Mestre de Coëtivy e àquele discípulo, que vem sendo cotejado com as imagens do códice do Rio de Janeiro. Nesta comunicação, que é um recorte da pesquisa de doutorado finalizada recentemente, apresentaremos dois conjuntos de iluminuras que foram analisados. Além das imagens do livro de horas 50,1,016, serão apresentadas iluminuras provenientes de dois outros livros de horas, ambos atribuídos ao já citado Seguidor do Mestre de Coëtivy e indicados por François Avril, o códice 2685 da Bibliothèque Sainte-Geneviève e Stowe 25 da British Library. Pretendemos sublinhar as semelhanças e diferenças entre as imagens dos três livros de horas, buscando assim discutir a atribuição dada pelo pesquisador francês.

Palavras-chave: livros de horas; manuscritos iluminados; Mestre de Coëtivy.

História da Alquimia na Iconografia Medieval

Maria Rita Guercio
Universidade de São Paulo

A alquimia é uma tradição que abrange vários aspectos do conhecimento humano, desde a filosofia, psicologia até o estudo dos elementos, o que chamaríamos hoje de química. Seu desenvolvimento foi resultado de muitos séculos de estudo com a contribuição e aperfeiçoamento de várias culturas e civilizações. Apesar de sua complexidade, a alquimia foi muitas vezes associada à obra de charlatães e falsários, no entanto, a verdadeira alquimia era uma prática destinada a filósofos efetivos, devido à complexidade do seu conhecimento. Durante o período medieval a alquimia teve seu auge e seu conhecimento foi registrado através de muitos conjuntos de ilustrações como no "*Mutus Liber - O Livro mudo da Alquimia*" ou no manuscrito medieval "*Aurora Consurgens*". Ambos os livros apresentam ilustrações de todo processo alquímico, tendo destaque os elementos simbólicos que compõem ambas as obras. Ao apresentarmos determinadas gravuras, podemos contribuir para o estudo da alquimia e suas implicações durante o período medieval.

Palavras-chave: Alquimia; Iconografia; Ciência.

A obra *Imago Mundi* de Pierre d’Ailly e sua influência na gênese do projeto de navegação que levou Colombo ao Novo Mundo

Mario Caldonazzo de Castro
Universidade Federal de Alfenas

A *Imago Mundi* é uma das obras geográficas mais importantes do final da Idade Média, com informações que sustentavam a tese de que a Ásia poderia ser alcançada navegando para o oeste, cujo conteúdo apresentava várias imagens cosmológicas e geográficas. As teorias de Ailly sobre o cosmos foram baseadas em autores antigos, como Aristóteles, Ptolomeu e Plínio, o Velho, bem como os Pais da Igreja e escritores árabes, entre eles Averróis. O livro foi muito importante na idealização das viagens que resultaram na exploração do mundo pelos europeus. Era o livro mais importante da restrita “biblioteca” de Colombo. A *Imago Mundi*, foi originalmente escrita em 1410 pelo bispo e estudioso francês Pierre d’Ailly (1350-1420) anterior portanto a imprensa. Seu papel destacado na gênese do projeto de Colombo é ponto pacífico entre os historiadores. O navegador a usou já na forma impressa para desenvolver suas ideias sobre a viabilidade de navegar pelo Atlântico para chegar às Índias. A imagem medieval tardia do mundo, a *Imago Mundi* descreve a estrutura dos céus e da terra e discute as zonas climáticas, ilhas, rios e mares. Na tradição manuscrita e impressa, foi ilustrado com diagramas destacados no texto. O exemplar de Colombo termina com uma série de oito diagramas circulares de página inteira de conteúdo celestial e terrestre, pintados à mão para aumentar sua atratividade e suas mensagens sobre a composição do mundo. Nossa proposta com este trabalho é discutir a relevância e influência de um manuscrito medieval para o desenvolvimento das Grandes Navegações, em especial a empreendida por Colombo.

Palavras-chave: Imagens do Mundo; Cristóvão Colombo; Novo Mundo.

A Criação do Mundo em um regime de saúde medieval (British Library,
Sloane Ms.2435)

Mayra Reis Rocha
Universidade de São Paulo

A representação do Gênesis foi muito abundante durante todo o período da Idade Média, mostrando ao menos um dos sete dias da Criação (a criação da luz separada das trevas; a separação das águas inferiores e superiores; a criação da terra e das plantas; a criação do sol, da lua e das estrelas; a criação dos animais aquáticos, aéreos e terrestres e a criação de Adão e Eva), com variações iconográficas. As escolhas iconográficas estavam relacionadas com o objeto ao qual as imagens se integravam – no caso dos manuscritos, também com o conteúdo textual. Nesta comunicação iremos analisar um exemplo disso, a imagem da Criação do Mundo no manuscrito de cota BL Sloane Ms. 2435, que deve ser associada às inscrições precedentes e ao livro como um todo. O gênero do livro é um regime de saúde, isto é, uma obra dedicada aos cuidados do corpo para a preservação da saúde, de autoria do médico Aldobrandino de Siena (d. 1287), confeccionado em torno de 1265-1270, na França. As bases em que se assentava, como ocorria com a medicina medieval em geral, ancoravam-se nos ensinamentos de Hipócrates de Cós (460-377 a.C.) e de Galeno de Pérgamo (c. 131-c.200) em conformidade com a teoria dos humores, que fundamentava o entendimento acerca da saúde. De acordo com essa teoria, o corpo humano, assim como todo o cosmos, era constituído pelos elementos que no corpo eram denominados de humor: terra (bílis negra), água (fleuma), ar (sangue) e fogo (bílis amarela). A saúde resultaria, portanto, do seu justo equilíbrio. É a partir dessas ideias que a Criação do Mundo neste manuscrito deve ser estudada, posto que ela apresenta uma iconografia divergente daquela estabelecida no Gênesis, ao mostrar Deus criando os quatro elementos.

Palavras-chave: Manuscrito Iluminado; Medicina medieval; Criação do Mundo.

**Iluminuras digitalizadas: o caso da Biblioteca Municipal de Cambrai
(França)**

Pamela Wanessa Godoi
Universidade de São Paulo

Os recursos tecnológicos vêm ganhando cada vez mais espaço na transmissão do conhecimento, e muito se fala em uma revolução das telas, posto que o meio digital tem se apresentado como um novo e fundamental suporte para a leitura e o acesso à documentação. Um exemplo é a crescente digitalização de um dos mais importantes objetos de estudo dos medievalistas: os manuscritos. Nas últimas décadas houve um esforço para melhorar e aumentar a disponibilidade de reproduções digitais de códices medievais, em diversos países. Se antes o acesso aos códices estava restrito à visita aos arquivos e bibliotecas, impondo desafios àqueles distantes fisicamente, agora o acesso digital promove espaço para o desenvolvimento do trabalho de pesquisadores de várias partes do mundo. É certo que a digitalização trouxe novas possibilidades, mas também novas dificuldades e a necessidade da adoção de estratégias metodológicas diferentes. Hoje, o afastamento se localiza em outros termos: ao visualizar pela tela perde-se a camada material do objeto. Os desafios se somam à distância cultural e temporal atrelada aos códices e que se apresentam em maior ou menor medida, dependendo de fatores como a nacionalidade e a formação dos pesquisadores. Neste trabalho procuramos abordar essas dificuldades e estimular a reflexão sobre as possibilidades metodológicas, através de um estudo de caso: o do acervo da Biblioteca Municipal de Cambrai. Situada no norte da França, a Biblioteca conta com 966 códices digitalizados e disponíveis gratuitamente. Em função de nossa pesquisa de Doutorado, algumas obras de seu acervo têm sido analisadas tanto à distância quanto presencialmente, em visitas feitas à Biblioteca. Dessa forma, tivemos ocasiões e situações distintas para conhecer e refletir sobre esses objetos, suas condições de consulta, conservação e divulgação, e propomos aqui algumas estratégias e ferramentas que nos parecem úteis para melhor estudar os manuscritos medievais digitalizados.

Palavras-chave: Manuscrito, Cambrai, digitalização.

Morfologias da Antiguidade no século XII: um martirologio-obituário corbiense e suas escritas-ornamento (BnF, ms. latin 17767)

Pedro de Oliveira e Silva
Universidade de São Paulo

A reprodução de escritas provenientes da Antiguidade é uma ocorrência comum em manuscritos medievais. Contudo, poucos trabalhos investigaram a razão de escribas medievais se reportarem a morfologias textuais antigas ao desenvolverem seu trabalho. Apresentaremos a hipótese de que tal readequação de letras antigas aos manuscritos medievais se conecta à necessidade dos escribas de organizarem e honrarem seu trabalho, a partir das ideias apresentadas pelo medievalista Jean-Claude Bonne sob o conceito de “ornamentalidade”. Tal hipótese será testada a partir da análise de um manuscrito hoje arquivado na Bibliothèque Nationale de France (BnF) sob a cota latin 17767, produzido pelo escriba Nevelo, membro do *scriptorium* da Abadia de Corbie, durante o século XII. Ao considerarmos a longa trajetória do *scriptorium* da Abadia, tendo se tornado importante centro de difusão de cultura escrita já no período carolíngio, bem como a riqueza de sua biblioteca, que possibilitava um amplo referencial de escritas antigas e alto-medievais, acreditamos que o manuscrito permitirá explorar como escritas antigas foram operacionalizadas na Idade Média. Defenderemos ainda que tal operacionalização se relacionava diretamente com as imagens do manuscrito, criando um ambiente no qual ambos os tipos de formas visuais valorizavam o objeto que habitavam e, assim, os discursos nele expostos. No caso do manuscrito investigado, isso significava criar uma experiência retórica textual e visual na qual Nevelo honrava não só seu trabalho como escriba, mas também a memória da abadia e o papel de tal comunidade dentro da cristandade, ao ter composto um martirologio-obituário que conectava a vida de santos mártires com o trabalho dos monges corbienses. Sublinharemos ainda o potencial teórico-metodológico de abordagens que empreguem análises paleográficas que ultrapassem a simples transcrição de texto, demonstrando como características morfológicas da escrita são elementos relevantes aos historiadores, especialmente àqueles pertencentes à medievística.

Palavras-chave: Paleografia; Ornamentação; Corbie.

A sociedade medieval na Inglaterra do século XII: imagens do social,
cultural e simbólico na minissérie Os Pilares da Terra.

Rafael Ribeiro
Universidade do Estado da Bahia

A Idade Média sempre foi objeto de estudo de diferentes campos da ciência que debruçaram-se sobre os mais variados aspectos da sociedade medieval. A historiografia tem mostrado a emergência constante de novas fontes para a reflexão sobre os sujeitos históricos e os novos e antigos temas. Essa ampliação da abordagem teórica e metodológica ressignificou o uso das fontes audiovisuais como filmes e minisséries. Autores como Marc Ferro e José Rivair Macedo têm demonstrado como essas fontes podem contribuir significativamente para a pesquisa histórica, na medida em que permitem ao historiador através dos seus códigos e linguagens entender omissões, falsificações e adaptações da leitura fílmica da história representada. Pensando nesta relação do medievo com o audiovisual, esse estudo pretende analisar a construção imagética da sociedade inglesa do século XII na minissérie Os Pilares da Terra através dos cenários, figurinos, trilha sonora e personagens. Portanto, a metodologia caminha na perspectiva da história no cinema e ampara-se na crítica sistemática dos mecanismos de linguagem técnica e estética, cadeia de produção, eventos, personagens e processo histórico representados. Esse conjunto de elementos cinematográficos soma-se ao diálogo com a historiografia medieval e a reflexão sobre os desejos e anseios da sociedade contemporânea da produção da minissérie. A narrativa histórica ficcional da minissérie tem como plano de fundo a guerra de sucessão ao trono de Winchester e a construção fictícia da Catedral medieval de Kingsbridge, no Reino da Inglaterra. Esse enredo perpassa questões relacionadas ao catolicismo, às hierarquias sociais, ao estudo de gênero e ao imaginário.

Palavras-chave: Idade Média. Construção Imagética. Audiovisual.

A iluminura e a imagem xilográfica nos primeiros livros impressos:
considerações sobre o uso da cor no livro de horas

Regiane Aparecida Caire da Silva
Universidade Federal do Maranhão

O termo iluminura, divulgado e utilizado pelos autores medievais a partir do século IX, está relacionado ao verbo latino *illuminare*, significa qualquer tipo de ornamentação ou ilustração dos manuscritos que busca destaque por meio da imagem. Recurso muito utilizado na Idade Média, em obras mais refinadas a imagem poderia ser encomendada a artistas habilidosos ou decoradas por monges (ou monjas) nos mosteiros, agregava valor estético e alto custo de produção, portanto, destinadas a um público seletivo. Igualmente seletivo era o proprietário do livro de horas manuscrito, um objeto pessoal, repleto de imagens, de pequeno formato, fácil de manusear e devocional, destinado à oração em contexto laico na intimidade do lar, refletiu o novo pensamento da sociedade medieval do século XIV: a *Devotio Moderna*. Com esta tipologia encontramos códices iluminados e obras impressas com o surgimento da imprensa de Gutenberg no século XV. Este trabalho aborda como as iluminuras foram representadas no livro impresso, como mantiveram aproximações visuais por um período alargado. A imagem no livro impresso foi atendida por meio do processo xilográfico e o texto manuscrito com o recurso dos tipos móveis. Mas essa primeira produção da imprensa, os incunáveis, procurava imitar o manuscrito para conquistar o seu público, acostumado com as iluminuras. Assim, colorir a gravura foi um procedimento adotado pelos editores. Ao longo da pesquisa, iniciada em 2014, perceberam-se resultados diferenciados neste modo de colorir que nos fez inferir no que seria uma “gravura iluminada” e defender a existência de uma “pintura com o gabarito impresso”. A gravura iluminada teria a própria gravura como determinante do volume, luz e sombra, a cor diluída somente separaria os planos. Já a pintura com o gabarito impresso tem a gravura como um molde, semelhante ao que era feito com os manuscritos (*pouncing* ou *pricking*) para agilizar e multiplicar o desenho da figura, a pintura, portanto, determina todo o volume. Deste modo, a gravura quase não aparece sob a camada espessa da tinta o que se assemelha, visualmente, a uma iluminura (original). No primeiro momento da investigação as análises ocorreram nos livros de botânica, com recorte na produção do período oitocentista. No entanto, o interesse me fez recuar à Idade Média, na fronteira da produção dos

manuscritos e dos incunábulos, com o intuito de compreender se o resultado encontrado na pesquisa do século XIX seria condizente a do início da imprensa; o que realmente aconteceu. Durante quatro séculos colorir manualmente as imagens nos livros foi um procedimento recorrente, atividade esta superada apenas com o surgimento do processo da Cromolitografia, patenteada em 1837, a qual pôde imprimir imagens coloridas de maneira mais rápida e com menor custo, iguais entre si em todos os exemplares da edição.

Palavras-chave: Livro de Horas. Iluminura. Xilografia.

O Anjo Custódio de Portugal: imagem e oração no Livro de Horas dito de Dom Manuel I

Rosângela Aparecida da Conceição
Universidade Nova de Lisboa

Esta comunicação trata da imagem do Anjo Custódio de Portugal e a sua oração, presentes no manuscrito iluminado conhecido como Livro de Horas, dito de Dom Manuel I, cuja confecção, realizada entre 1517 e 1551, é atribuída a Antonio de Holanda (1480-1557), hoje, parte do acervo do Museu Nacional de Arte Antiga, sob n.º de Inventário: 14. O Anjo Custódio de Portugal e o próprio Cristo estão relacionados às visões de Dom Afonso Henriques, em 1139, por ocasião da Batalha de Ouriques, da qual sairia vencedor contra os mouros, nascendo aí a fundação de Portugal, confirmada pela bula "*Manifestis Probatum*" pelo Papa Alexandre III, em 23 de maio de 1179. A pedido de Dom Manuel I, o culto existente será oficializado pelo Papa Júlio II, em 1504. A sua aparição três vezes ao longo de 1916 é registrada nos relatos dos Pastorinhos de Fátima, preparando-os às futuras aparições de Nossa Senhora, em Fátima, em 1917. A partir do século XVIII há o declínio do culto, sendo a sua restauração dada na década de 1950, movimento que fará com que a memória litúrgica seja incluída no Calendário Litúrgico Português, pelo Papa Pio XII, em 1952. Para compreensão da importância do Anjo Custódio na história de Portugal, desde o tempo de Dom Afonso Henriques aos atuais, o trabalho se apoiará nos estudos hagiográficos e históricos de autores como Araújo (2003) e Teixeira (2001), assim como na literatura religiosa, por exemplo, em novenas e outras orações, de Irmandades, como a Real e Venerável Irmandade do Santíssimo Sacramento de Mafra, e em homilias e documentos arquivados pelo Secretariado Nacional da Liturgia de Portugal. Como recursos para análise comparativa em arte serão observadas as imagens geradas com esta temática em outros suportes, como na estatuária, em coleções museológicas, como a do Museu Nacional Machado de Castro, em Coimbra, e aquelas ainda localizadas em edifícios religiosos, como a fachada da Basílica de Mafra e em Fátima.

Palavras-chave: anjo custódio; Portugal; manuscrito iluminado.

Representação e ambivalência: usos e sentidos do caracol para as
sociedades dos séculos XIII ao XV na Europa Ocidental

Stefanny Batista dos Santos
Universidade de São Paulo

Ao longo da Baixa Idade Média é possível encontrar uma série de representações de caracóis na arte medieval, sobretudo nas margens de manuscritos. Eles aparecem sozinhos ou estão em composições de cenas temáticas, acompanhados de outros personagens. Na historiografia, geralmente, há um foco interpretativo nas imagens que contrapõem o caracol a um cavaleiro com análises que priorizam a vinculação a apenas uma de suas muitas representações e algumas vezes o preterimento do animal em função de seu oponente. Portanto, o interesse aqui é se voltar ao caracol enquanto objeto de conhecimento e usos na Baixa Idade Média, examinando seus aspectos culturais e seus usos na produção material. Por meio de um estudo comparativo com diversos suportes, especialmente manuscritos, mediados por informações referentes à forma com que essas sociedades tratavam o animal, identificamos que há associações tanto positivas quanto negativas. Dentre os aspectos observados, estão a transgressão e a corrupção, justificadas pela proximidade do animal ao solo, à podridão e à sua aparência “repulsiva”, algumas vezes pode mesmo ser comparado com a serpente. Ainda que majoritariamente as produções do período destaquem essas características, há hipóteses na historiografia que defendem uma possível valoração positiva do animal naquelas sociedades, uma vez que ele é encontrado em representações marianas e/ou cristológicas. Tais contradições demonstram a plasticidade e heterogeneidade de um motivo na arte medieval, ressaltando que nem os indivíduos nem as sociedades estão fechados em si mesmos.

Palavras-chave: Baixa Idade Média; Margens; Caracol.

XII

Encontro Internacional

A Imagem Medieval:

História e Teoria

As Imagens nos
Manuscritos Medievais

Data: 6 a 8 de dezembro de 2022

Evento Online



<http://lathimm.fflch.usp.br>

 @lathimm.usp.ufrj

 @lathimm

 @lathimmusp



fflch

FACULDADE DE FILOSOFIA,
LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO